

Educação e instrução

(Definição do Dictionnaire des sciences philosophiques, 2^a ed, Paris, 1875.)

Educação: Para que se faça inicialmente uma ideia justa do que se deve entender por essa palavra, basta lançar um olhar sobre uma criança recém-nascida. Esse ser tão frágil, tão desnudo, traz em si os germes das mais poderosas, das mais nobres faculdades. Abandonado a si mesmo, não tarda a perecer; e se cuidados inteligentes não vêm dirigir seu desenvolvimento, supondo-se que ele viva, estará exposto a toda sorte de deformidades físicas e morais. Ora, esses cuidados constituem o que chamamos educação, e é da educação, tomada nesse sentido, que tentaremos determinar os princípios gerais, o objeto e a finalidade.

Aqui, pois, não entra em questão a educação universal pela qual a Providência conduz a espécie humana para seu destino final, nem dessa educação indireta que se compõe de todas as circunstâncias naturais e sociais sob o império das quais se edificam os indivíduos, e que, tomando-os no berço, os conduz, através de todos os acidentes da vida, à sua destinação particular. Trata-se unicamente dos cuidados que os pais e os mestres dão a seus filhos e a seus alunos, para dirigi-los em seu desenvolvimento físico e moral.

Toda geração nova cresce naturalmente sob a influência daquela que a produziu, e recebe desta última direções, opiniões, hábitos, exemplos. Primitivamente essa educação é toda natural: os pais ensinam aos filhos o que aprenderam com seus antepassados, e as crianças imitam o que vêm fazerem os seus pais. Essa imitação já é um princípio de progresso, pois aperfeiçoa e engrandece aquele que imita; no entanto, uma melhoria real e geral da condição humana não é assegurada senão no momento em que a educação se torna um estudo, uma arte que tem seus princípios e suas leis.

É a essa educação direta e refletida que a humanidade deve todos os seus progressos. É por ela, se bem dirigida, que a geração que nasce entra na posse de todas as conquistas das gerações que viveram, e se torna capaz de aumentar essa herança e melhorá-la.

Assim, a ideia de educação cresce: ela não tem por objeto unicamente dirigir o desenvolvimento da criança como indivíduo; ela deve também assegurar o progresso regular da sociedade, o aperfeiçoamento da espécie como um todo.

A essa educação filosófica e puramente humana, cujo objeto é o desenvolvimento gradual e legítimo das faculdades, opõe-se a educação factícia¹ e interessada, que tem por fim adestrar a infância, moldá-la, pelo hábito e pela prevenção, para uma determinada ordem de coisas e de ideias, que se quer a todo custo estabelecer ou perpetuar.

A educação artificial tem como propósito um objetivo de convenção, e não o atinge senão falseando a razão e violentando a natureza. Tal foi a educação entre os espartanos; tal era, em geral, a que dirigia as ordens monásticas. Tal é ainda a dos chineses, que se esforça para encerrar para sempre os homens e as instituições em formas estabelecidas e consagradas. Um tal obra não pode se sustentar ao longo do tempo, e, em vez de reformas sábias e graduais, provoca revoluções violentas ou a decadência. A educação filosófica, ao contrário, baseada no conhecimento da verdadeira natureza do homem, respeitando a ordem das coisas estabelecidas, mesmo consolidando-a naquilo que ela tem de razoável, tende a melhorá-la, a aperfeiçoá-la. Todavia, esse gênero de educação não é possível senão numa sociedade fundada ela própria no respeito e na dignidade humana, uma sociedade livre que conjuga o progresso

¹ Obtido por arte; artificial; falso; que parece ser ou existir; que é só aparente. in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (N.T)

com a estabilidade. Em uma sociedade assim, a educação será ao mesmo tempo conservadora, reafirmando as bases da constituição, e progressiva, porque sua constituição não exclui nenhuma melhoria orgânica e regular; ela será política e social ao mesmo tempo que racional, nacional ao mesmo tempo que moral e humana.

A educação artificial forma atores, adentra as crianças para o papel que terão que representar na sociedade; a educação verdadeira tende a formar homens e cidadãos; a primeira, para atingir seus fins, para lograr inculcar em suas vítimas um sistema de ideias ou de sentimentos mais ou menos factícios, obriga-se a empregar meios violentos, e em vez de cultivar e enobrecer a natureza, falseia-a ou a sufoca, deprime-a e a degrada por um lado, e por outro estica-a e a exalta parcialmente, além da medida; a educação verdadeira, ao contrário, dirige e acelera o desenvolvimento de todas as faculdades, regulando-as unicamente pela razão e a moral.

Na linguagem usual, as palavras instrução e educação são sinônimas, e o são com razão, porque a instrução e a educação reciprocamente se supõem: elas interpenetram-se constantemente uma na outra e coincidem quase sempre. No entanto, assim como todos os sinônimos, essas duas palavras exprimem duas espécies de um mesmo gênero, ou uma ideia comum com nuances que as distinguem. Tanto a educação quanto a instrução têm por objeto o desenvolvimento e o exercício das faculdades, mas a primeira dirige-se mais à alma, ao coração, às paixões, e a segunda à imaginação, ao entendimento, ao espírito; a educação tem por objeto formar o caráter e os hábitos, a instrução desenvolver e alimentar a inteligência. A educação é impossível sem a instrução, pois tudo o que há de virtualidade na consciência somente pode realizar-se pelo pensamento; e a instrução, pelo fato de que esclarece o espírito, dispõe-no a receber a educação: ela é, por um lado, a educação da inteligência, da razão, e, por outro, o instrumento da educação integral.

A educação e a instrução são inseparáveis na prática, não obstante podemos e devemos tratar separadamente princípios e regras de uma e de outra: a educação, tendo diretamente por objeto o desenvolvimento das faculdades e a formação dos bons hábitos, admite a instrução apenas como um de seus meios; a instrução ou o ensino, considerado em si, como tendo por fim especial a transmissão dos conhecimentos e da cultura do entendimento. A educação, em sua acepção restrita, é a geórgica² da alma, a instrução, a do espírito. A arte da educação e a da instrução pressupõem, uma e outra, a da disciplina. Todas as três constituem em seu conjunto a ciência pedagógica.

Esses diversos braços da ciência e da educação repousam evidentemente sobre certos fundamentos comuns, sobre princípios gerais, que devem ser buscados e postos antecipadamente, e compõem a filosofia da educação. Esta tem por objeto, apoiando-se na ciência do homem e particularmente sobre a moral, determinar a finalidade de toda educação, e fixar-lhe os princípios supremos.

A filosofia da educação tem que primeiramente tornar reconhecida a sua função, a sua necessidade como ciência, e suas relações com os outros braços da filosofia; em seguida, indicar seu objeto e seu fim. Sua necessidade, se não for provada pelos efeitos de uma boa educação, o será pelos efeitos que resultam de uma má educação e pelo estado de brutalidade e de miséria em que se demora aquele cujas faculdades permaneceriam sem cultura; prova-o principalmente pela própria natureza de suas pesquisas e de seus preceitos, cuja importância não deixa de tocar os espíritos; esses preceitos, por serem muito naturais e de grande simplicidade, não são menos dignos de reflexão e de estudo, e não poderiam ser bem compreendidos sem certo esforço. Quanto ao seu objeto, o conjunto dos meios que servem à educação, ela não o cria, ela o submete à ação do raciocínio e o traduz em sistema: empresta-o da ciência do homem, da fisiologia, da psicologia, da lógica, da moral, da qual é uma aplicação. Enfim, quando

² Cultura da terra; que têm relação ao trabalho do campo; agricultura. (N.T)

ao seu princípio geral, pode-se dizer com Platão que uma boa educação consiste em dar ao corpo e à alma toda perfeição de que são suscetíveis; ou com Kant, que há em todo homem um homem divino, os germes de um homem perfeito, de conformidade com o tipo segundo o qual Deus o criou, e que a educação deve favorecer e dirigir o desenvolvimento desses germes. No entanto, o essencial é saber qual é essa beleza, essa perfeição à qual devemos aspirar e por que meios podemos dela nos aproximar. Podemos dizer, com Rousseau, que é preciso reportar tudo às disposições primitivas e lhes dirigir o desenvolvimento para o que a razão reconhece ser o melhor; mas o importante é saber quais são essas disposições primitivas e o que quer a razão, e é justamente isso que precisa determinar.

A proposição que nos parece exprimir mais nitidamente o princípio geral da educação é esta: a educação tem por objeto o desenvolvimento harmônico, gradual e livre de todas as faculdades, submetendo-as todas ao império da razão. Esse princípio universal serve todos os interesses legítimos, todo fim racional, abarca todos os sentimentos e todas as disposições primitivas; aplica-se a todos os estados, a todas as classes da sociedade, e admite todas as educações especiais; no entanto, por isso mesmo interdita a cultura exclusiva ou muito predominante de toda faculdade particular, toda via interessada ou exclusivamente política, toda espécie de *ilotismo*³ em matéria de educação.

A filosofia da educação reconhece, de resto, a insuficiência dos meios diretos que ela recomenda. Sabe de todo império que exercem incessantemente sobre a criança as circunstâncias em meio às quais ela se desenvolve, e essa não é uma das menores partes de sua tarefa de mostrar o quanto é importante tornar essas diversas influências o mais favoráveis possível, e não as deixar entregues ao acaso. (...)

A educação física tem por objeto a saúde, a força, a flexibilidade do corpo, e supõe algum conhecimento da fisiologia e da higiene. Ela compreende o que denominamos *gymnastique* [ginástica], os exercícios e os jogos corporais, a nutrição, o regime, a vestimenta que convém à criança e ao adolescente. Ela é boa em si, mas deve subordinar-se constantemente à educação do homem moral.

A educação moral baseia-se na psicologia: tem por objetivo elevar a alma dando-lhe a consciência de sua dignidade. Compreende todos os exercícios que têm por fim desenvolver e cultivar nossas faculdades morais e intelectuais. Ela se divide, na teoria, em tantas partes quantas há de faculdades distintas. A natureza superior do homem que cumpre formar e tornar predominante sobre a natureza animal, se manifesta por quatro necessidades principais que se referem às tantas disposições naturais. O homem aspira ao verdadeiro, ao bem, ao belo, ao infinito e, desenvolvendo-se, essas disposições se tornam a inteligência de ordem universal, a consciência moral, o sentimento do belo e o sentimento religioso.

A educação será, pois, alternadamente, ou melhor dito, será sempre e em toda parte intelectual, moral no sentido próprio, estética e religiosa. Ela tornará justas todas essas faculdades, e será tanto melhor se estiver na cultura de cada um, pois todas serão cultivadas com mais cuidado porque, ligadas intimamente entre si, elas se sustentam e se secundam mutuamente. Por isso mesmo cada uma conservará o lugar e a importância que respectivamente lhe pertence.

A educação intelectual, que não deve ser confundida com a educação lógica, que tem por objeto formar o juízo como meio de conhecer, é a educação mesma da razão; ele deve ao mesmo tempo esclarecer e edificar a inteligência; ela é o resultado geral da instrução, se esta for o que deve ser quanto ao seu objeto e seus métodos.

³ Condição de alguém em estado de dependência de outra pessoa; servidão. *Ilotismo* deriva do termo *ilota*, como eram chamados os escravos em Esparta. (N.T)

A educação moral, no sentido próprio, é a parte que oferece mais dificuldades, porque deve dar aos alunos, ao mesmo tempo, a consciência e o hábito do bem e da honestidade. Ainda aí a instrução, se for boa, faz a metade da obra: a instrução moral, segundo Fénelon, deve ser tal, que seus preceitos sejam livremente aceitos e que o aluno os considere como extraídos de sua própria natureza. Deste modo se formará o senso moral, o sentimento do justo e do bem. Após esse trabalho, resta apenas estar atento quanto às impressões que os alunos podem receber, aos exemplos que estão à sua volta, aos hábitos que contraem, a lhes fazer seguir um bom regime moral, a fortalecer seu caráter e sua vontade. (...)

A mais alta moralidade possível é a finalidade de toda educação propriamente dita, e ela será melhor assegurada se todo o desenvolvimento do homem interior for melhor conduzido. A cultura intelectual a isso dispõe, a educação estética a fortifica, a educação religiosa a aperfeiçoa e sanciona.

A educação estética tem por objeto alimentar o sentimento da conformidade, da harmonia, do belo e do sublime. Esse sentimento está bem evidente nesses germes divinos pelos quais Deus fez o homem à Sua imagem. É preciso então, direcionando-a sobretudo às obras da natureza, às maravilhas do céu, às altas aspirações do gênio poético, às belezas da história, o cultivar, inicialmente para si mesmo, e em seguida também no interesse da educação moral e religiosa.

Dissemos que a educação deve ser principalmente religiosa, e que deve servir integralmente a esse interesse sublime. Isto é verdade, se por religião entendemos a consciência que o homem tem de sua natureza superior, e por educação religiosa o desenvolvimento de tudo o que há em nós de elementos de origem divina: nesse sentido ela compreende toda educação moral e intelectual. Ao contrário, se, tomando essa expressão num sentido mais restrito, entendemos a educação de um sentimento especial então ela pode ainda penetrar de seu espírito a obra da educação integral, ela deve ainda ocupar um grande lugar, o primeiro lugar e o mais amplo, se quisermos; mas ela não deve ser tudo: é preciso que ela venha a seu tempo e em seu lugar. No mais, esse assunto é repleto de dificuldades particulares que não podemos resolver aqui. Devemos nos limitar a dizer que o importante a esse respeito é a maneira de despertar e alimentar o sentimento religioso, e nós recomendamos, ainda uma vez, o grande princípio de Fénelon que citamos acima.

A educação lógica tem por objeto formar o juízo, fortalecer o instrumento comum e necessário de toda educação e de toda instrução. Para formar o julgamento importa, antes de tudo, saber despertar e fixar a atenção; para torná-la ao mesmo tempo justa, fácil e pronta, é preciso exercê-la diretamente por interrogações feitas com essa intenção, indiretamente por certos estudos, como o da gramática e do cálculo, e também por toda maneira de ensinar e por uma boa gradação do ensinamento. Deve-se ao mesmo tempo exercitar o julgamento e a memória, e habituar esta última a guardar fielmente o depósito que lhe foi confiado. (...)

A educação segundo a filosofia Espírita

A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste possuir conhecimentos. (Livro dos Espíritos, item 917)

(...) Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a *educação*, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres*, à que *incute hábitos*, porquanto *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de espantar as consequências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos *de ordem e de previdência* para consigo mesmo e para com os seus, *de respeito a tudo o que é respeitável*, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação *bem entendida* pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de *todos*.⁴

"Louváveis esforços indubitavelmente se empregam para fazer que a Humanidade progrida. Os bons sentimentos são encorajados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época. Entretanto, o egoísmo, verme roedor, continua a ser a chaga social. É um mal real, que se alastra por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Cumpre, pois, combatê-lo, como se combate uma enfermidade epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: ir à origem do mal. Procurem-se pois em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências que, ostensiva ou ocultamente, excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então destruí-las, senão totalmente, de uma só vez, ao menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. Poderá ser longa a cura, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação; não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste possuir conhecimentos. Quem acompanhar, assim o filho do rico, como o do pobre, desde o instante do nascimento, e observar todas as influências perniciosas que sobre eles atuam, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que os dirigem, observando igualmente com quanta frequência falham os meios empregados para moralizá-los, não poderá espantar-se de encontrar pelo mundo tantas coisas erradas. Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam cultivo adequado, para produzir bons frutos. (872)⁵

(...) "Sendo os primeiros médicos da alma de seus filhos, os pais deveriam ser instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de cumpri-los. Não basta ao médico saber que deve procurar curar, é preciso saber como agir. Ora, para os pais, onde estão os meios de instruir-se nesta parte tão importante de sua tarefa? Hoje dá-se muita

⁴ *O Livro dos Espíritos* - Parte Terceira - Das leis morais, cap. III - 2. Lei do trabalho - Limite do trabalho. Repouso, item 685.

⁵ *O Livro dos Espíritos* - Parte Terceira - Das leis morais, cap. XII - Da perfeição moral - O egoísmo, item 917.

instrução à mulher; fazem-na passar por exames rigorosos, mas algum dia foi exigido da mãe que soubesse como fazer para formar o moral de seu filho? Ensinam-lhe receitas caseiras, mas foi iniciada aos mil e um segredos de governar os jovens corações?

Os pais, portanto, são abandonados sem guia à sua iniciativa. É por isto que tantas vezes seguem caminhos errados. Assim recolhem, nos erros dos filhos já crescidos, o fruto amargo de sua inexperiência ou de uma ternura mal compreendida, e a Sociedade inteira lhes recebe o contragolpe.

Considerando-se que o egoísmo e o orgulho são reconhecidamente a fonte da maioria das misérias humanas; que enquanto eles reinarem na Terra não se pode esperar nem paz, nem caridade, nem fraternidade, então é preciso atacá-los no estado de embrião, sem esperar que fiquem vivazes.

Pode o Espiritismo remediar esse mal? Sem dúvida nenhuma, e não hesitamos em dizer que ele é o único suficientemente poderoso para fazê-lo cessar, pelo novo ponto de vista com o qual ele permite perceber a missão e a responsabilidade dos pais; dando a conhecer a fonte das qualidades inatas, boas ou más; mostrando a ação que se pode exercer sobre os Espíritos encarnados e desencarnados; dando a fé inquebrantável que sanciona os deveres; enfim, moralizando os próprios pais. Ele já prova sua eficácia pela maneira mais racional empregada na educação das crianças nas famílias verdadeiramente espíritas. Os novos horizontes que abre o Espiritismo fazem ver as coisas de outra maneira. Sendo o seu objetivo o progresso moral da Humanidade, ele forçosamente deverá iluminar o grave problema da educação moral, primeira fonte da moralização das massas. Um dia compreender-se-á que este ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, numa palavra, que é uma verdadeira ciência. Talvez um dia, também, será imposta a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos, como se impõe ao advogado a de conhecer o Direito.(...)⁶

Educação factícia, ou artificial

A benevolência para com os seus semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que lhe são as formas de manifestar-se. Entretanto, nem sempre há que fiar nas aparências. A educação e os costumes do mundo podem dar ao homem o verniz dessas qualidades. Quantos há cuja fingida bonomia não passa de máscara para o exterior, de uma roupagem cujo talhe primoroso dissimula as deformidades interiores! O mundo está cheio dessas criaturas que têm nos lábios o sorriso e no coração o veneno; *que são brandas, desde que nada as agaste, mas que mordem à menor contrariedade*; cuja língua, de ouro quando falam pela frente, se muda em dardo peçonhento, quando estão por detrás.

A essa classe também pertencem esses homens, de exterior benigno, que, tiranos domésticos, fazem que suas famílias e seus subordinados lhes sofram o peso do orgulho e do despotismo, como a quererem desferrar-se do constrangimento que, fora de casa, se impõem a si mesmos. Não se atrevendo a usar de autoridade para com os estranhos, que os chamariam à ordem, acham que pelo menos devem fazer-se temidos daqueles que lhes não podem resistir. Envaidecem-se de poderem dizer: “Aqui mando e sou obedecido”, sem lhes ocorrer que poderiam acrescentar: “E sou detestado.”

Não basta que dos lábios manem leite e mel. Se o coração de modo algum lhes está associado, só há hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são fingidas nunca se desmente: é o mesmo, tanto em sociedade, como na intimidade. Esse, ao demais,

⁶ *Revista Espírita*, fevereiro de 1864 - Primeiras lições de moral da infância.

sabe que se, pelas aparências, se consegue enganar os homens, a Deus ninguém engana. *Lázaro*.⁷

Educação religiosa no sentido filosófico

*Todas as religiões precisaram, na sua origem, estar em relação com o grau de avanço moral e intelectual dos homens; estes, ainda demasiado materiais para compreender o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maioria dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores. Durante um tempo, essas formas bastaram à sua razão; mais tarde, fazendo-se a luz em seu espírito, eles sentem o vazio que as formas deixam atrás delas, e se a religião não o preenche, eles abandonam a religião e tornam-se filósofos. Allan Kardec*⁸

(...) “Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que, com efeito, a palavra *religião* quer dizer *laço*. Uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças. Consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. É neste sentido que se diz: *a religião política*; entretanto, mesmo nesta acepção, a palavra religião não é sinônima de *opinião*; implica uma ideia particular: a de *fé conscienciosa*; eis por que se diz também: *a fé política*. Ora, os homens podem alistar-se, por interesse, num partido, sem ter fé nesse partido, e a prova é que o deixam sem escrúpulo, quando encontram seu interesse alhures, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; ele persiste à custa dos maiores sacrifícios, e a abnegação dos interesses pessoais é a verdadeira pedra de toque da fé sincera. Contudo, se a renúncia a uma opinião, motivada pelo interesse, é um ato de desprezível covardia, é respeitável, ao contrário, quando fruto do reconhecimento do erro em que se estava; é então um ato de abnegação e de bom-senso. Há mais coragem e grandeza em reconhecermos abertamente que nos enganamos, do que persistirmos, por amor-próprio, no que sabemos ser falso, e para não darmos um desmentido a nós mesmos, o que acusa mais teimosia do que firmeza, mais orgulho do que bom-senso, mais fraqueza do que força. É mais ainda: é hipocrisia, porque queremos parecer o que não somos; além disso é uma ação má, porque é encorajar o erro por nosso próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não apenas o fato de compromissos materiais que podemos romper à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre as pessoas que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, a *fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores; no sentido filosófico o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os laços da fraternidade e da comunhão de

⁷ *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IX - Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos - Instruções dos Espíritos - A afabilidade e a doçura, item 6.

⁸ O Céu e o Inferno - Primeira Parte - Doutrina, cap. I - O futuro e o nada, item 12

pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as mais sólidas bases: as próprias leis da Natureza.

Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da ideia de culto; porque ela desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se quisessem, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; ele não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião pública se levantou.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor as pessoas inevitavelmente ter-se-iam equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que elas se ocupam. Pode-se mesmo, na ocasião, fazer preces que em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que por isto as tomem por *assembleias religiosas*. Não pensem que isto seja um jogo de palavras; a nuance é perfeitamente clara, e a aparente confusão é devida à falta de um vocábulo para cada ideia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os espíritas? Eles não estão unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória; qual o sentimento no qual se devem confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para com todos, ou, por outras palavras: o amor ao próximo, que compreende os vivos e os mortos, pois sabemos que os mortos também fazem parte da Humanidade.(...)⁹

⁹ *Revista Espírita*, dezembro de 1868 - Sessão anual comemorativa dos mortos